



Uma celebração de *Bar Mitzvah*

Meir Dizengoff*

Há alguns anos, fui convidado para a casa de um dos meus amigos, para a celebração do *Bar Mitzvah*¹ de seu filho, que era aluno de uma escola em Tel Aviv. A comemoração contou com a presença dos colegas do celebrante, do professor regente da turma e do diretor da escola, além de familiares e outros convidados. Estávamos sentados ao redor de uma mesa posta cheia de alimentos e guloseimas, e como de costume, se iniciaram os tradicionais discursos. O diretor e o professor regente foram os primeiros a falar, a estes se sucederam os discursos dos pais e dos outros professores, e até alguns convidados e vizinhos que conheciam o menino desde pequeno, discursaram também. O conteúdo dos discursos era muito similar, pois todos trataram do renascimento do povo judeu e da Terra de Israel, da redenção da pátria, da língua hebraica e do trabalho agrícola, e todos os oradores exigiam do jovem que acabava de completar os treze anos, que se alistasse imediatamente nas fileiras dos guerreiros da nação, e que reconhecesse de agora em diante, toda a pesada responsabilidade que repousava sobre ele como um dos filhos de Israel que se tornava plenamente responsável por seus atos.

Os outros jovens ali presentes e amigos do celebrante do *Bar-Mitzvah*, para quem toda a festa fora realizada e a quem todas as palavras dos oradores eram dirigidas, ouviram atentamente os discursos e aplaudiram com grande polidez cada um dos oradores. No entanto, a impressão de seus rostos sinalizava que as palavras que estavam sendo ditas, não lhes interessavam, e que, na verdade, eles estavam ansiosos pelo fim daquela cerimônia. Toda aquela celebração, certamente era para eles uma espécie de cerimônia religiosa interminável, uma oportunidade para que as pessoas eruditas pudessem falar, e que era realizada apenas para satisfazer o coração dos pais do celebrante.

Uma cerimônia de *Bar Mitzvah* – pensei comigo naquela ocasião – deveria ser completamente diferente já que é um acontecimento crucial na vida de quem sai da infância para a idade adulta. Essa celebração deveria ser uma bela demonstração de

* Meir Dizengoff (1861-1936) nascido na Bessarábia, hoje parte da República da Moldávia, foi um importante ativista sionista. Tornou-se mais conhecido por ter sido o primeiro prefeito da cidade de Tel Aviv, entre 1911 e 1936. O conto aqui apresentado foi publicado em 1933.

¹ *Bar Mitzvah* é a celebração da maioridade religiosa dos meninos judeus que ocorre ao completar os treze anos de idade.



passagem tal como nos ensina a *Mishná*² com estas palavras: “Moshê recebeu a *Torá* no Monte Sinai e a transmitiu a Yehoshua; Yehoshua aos anciãos; os anciãos aos profetas; e os profetas transmitiram-na aos homens da Grande Assembléia”.³ A cerimônia deveria exaltar a santidade da fé da nação e da eternidade de Israel, de tal forma a ser capaz de acender uma chama eterna que nunca de apagará dentro de nós por todas as gerações. Essas ponderações as fiz, olhando para os rostos inexpressivos e confusos dos convidados daquela cerimônia, que foi transformada, ao longo do tempo, numa festa, um simples ritual de passagem. Então lembrei-me naquela hora, da forma como era celebrado o *Bar Mitzvah* na época da minha juventude. Aquela imagem parecia estar viva diante dos meus olhos.

Sessenta anos atrás foi a celebração do meu próprio *Bar Mitzvah*, por ocasião do meu aniversário de treze anos. Isso ocorreu num vilarejo na Bessarábia, não muito longe de uma pequena cidade perto do rio Dniester.⁴ Muito tem se falado a respeito dos judeus da Bessarábia, que eram ignorantes e simplórios, que não conheciam a *Torá*, e nem tinham bons modos de comportamento. Porém isso não corresponde à verdade, assim como não são verdadeiras todas as definições e convenções que se criam sobre povos e sobre países. A prova mais certa de que essas definições não eram reais, era a empatia dos judeus desta região, chamada Bessarábia, com tudo o que se relacionasse com o nacionalismo judaico. Foi a Bessarábia que nos deu uma grande porcentagem, senão a maior, de notáveis ativistas sionistas e de outros bons judeus que emigraram para a Terra de Israel e se estabeleceram nela engajando-se no trabalho de construção e assentamento. E a razão disso, na minha opinião, se deve ao profundo apego que as pessoas desta região tinham pelo judaísmo, um judaísmo vibrante que sempre deu continuidade à tradição ancestral.

Até mesmo meus pais, que nasceram na fronteira entre a Alemanha e a Polônia, viam a necessidade de educar seus filhos no espírito da *Torá* e da tradição judaica. Como em toda a região mencionada não havia então escolas e nem boas *yeshivot*,⁵ meu falecido pai foi até uma cidade afastada, e trouxe consigo um professor especial, cuja função era ensinar e educar a mim e a meu falecido irmão a *Torá*, as orações e nos conduzir sempre nas boas ações. Meu mestre foi o rabino Rephael de Barshad, conhecido em toda a região como um grande erudito, homem humilde e piedoso. Ele

² A *Mishná* é a redação da *Torá* oral ou da tradição oral judaica, uma das principais obras do judaísmo rabínico, organizada e canonizada por Rabi Yehudá Ha-Nassi, no ano 200 da Era Comum na Terra de Israel sob o domínio romano.

³ Esse texto encontra-se na *Mishná*, no tratado de *Pirkei Avot*1:1.

⁴ Rio que nasce na Ucrânia perto da fronteira com a atual Moldávia.

⁵ *Yeshivá* é um local onde judeus se reúnem para estudar a *Torá* e as tradições rabínicas. Originalmente, referia-se a uma academia para alunos avançados.



recebeu em nossa casa um quarto especial como moradia e, ao lado, um outro quarto para acomodar nele a seus filhos. O rabino Rephael cuidava diariamente apenas de nós dois, seus dois discípulos. Diariamente, ele nos instruía no estudo das orações, na *Torá* escrita e na *Torá* oral. De tempos em tempos, meu pai convidava o rabino da cidade vizinha, para nos examinar e ver como havíamos nos saído em nossos estudos e também para lhe pedir conselhos sobre o nosso futuro. Meu pai, por exemplo, pedia ao Rebe que nos ensinasse a Bíblia, e especificamente o livro de Isaías com o comentário do grande rabino Malbim,⁶ mas o Rabino Rephael se opôs inicialmente a isso. No final, ele concordou com o pedido do meu pai e passou a nos ensinar também os livros os profetas Jeremias e Ezequiel.

Minha mãe, uma das mulheres mais justas de sua geração e que tinha profunda veneração pelo rabino Rephael, sentava-se na sala ao lado e ouvia os comentários do Rebe sobre os profetas, além dos ensinamentos pregados por nossos ancestrais e sábios já falecidos, e seu rosto ficava radiante de alegria e satisfação, pois tais palavras da *Torá* eram ditas em sua casa e com a participação de seus filhos. Por isso, ela sempre se preocupava que nada faltasse ao Rebe em nossa casa. - Ele cuida da alma dos nossos filhos – costumava ela dizer.

Os preparativos para o meu *Bar Mitzvah*, iniciaram-se cerca de seis meses antes de eu completar os treze anos. Meu papai e meu mestre viajaram até a casa do grande rabino da cidade contigua, afim de consultá-lo sobre como realizar a celebração. De acordo com meu desempenho escolar, os três aparentemente decidiram naquela ocasião, que eu estava destinado a ser um importante professor para o povo de Israel, e por essa razão, a celebração que se aproximava tinha uma importância suprema, pois ela haveria de sinalizar o início da minha preparação para meu futuro papel a partir de agora. Eles também decidiram que eu deveria ler alguns livros, para que eu pudesse preparar meu próprio discurso que iria ler no dia da minha maioridade religiosa.

E assim os preparativos tiveram início. Meu pai comprou um livro de leituras com uma capa bonita e escreveu na folha de rosto a data do meu aniversário e o dia do meu *Bar Mitzvah*. Já minha mãe começou a preparar um presente para o Rebe, no caso, um agasalho quente, para que o mesmo não sentisse frio. Minha tia começou a costurar um estojo para os *tefilin*,⁷ e na parte superior ela fez o bordado de um leão e

⁶ Rabino Meir Leibushben Yehiel Michel Wisser, mais conhecido como Malbim, era mestre em gramática hebraica e comentarista bíblico. Viveu na Ucrânia entre 1809 e 1879.

⁷ *Tefilin* é um objeto do ritual religioso judaico. Consiste em duas pequenas caixas quadradas de couro que são amarradas à cabeça e ao braço. Devem formar um quadrado perfeito e as tiras de couro devem ser pintadas de preto. Dentro de cada caixa encontram-se escritos em pergaminho quatro parágrafos da *Torá*.



de uma pomba, para dizer: “Ele será forte como um leão” já a pomba é a representação simbólica do povo de Israel.⁸

E assim, finalmente chegou o dia do *Bar Mitzvah*. Para o sábado que antecedeu a festa foram convidados das aldeias próximas, o rabino e o juiz, o cantor litúrgico e o zelador da sinagoga, os avós do lado paterno assim como os do lado materno, os tios e as tias, conhecidos e amigos, enfim, uma multidão. Também foi trazido de longe um rolo da *Torá*. A cerimônia teve início com uma oração matinal coletiva. Antes de eu iniciar a leitura da *Torá*, o rabino se virou para mim e disse:

— Saiba, meu filho, que esta é a primeira vez que você tem permissão para subir ao púlpito e fazer a leitura da sagrada *Torá*. De agora em diante, você não poderá orar ou pronunciar qualquer bênção sem ter o conhecimento do significado das palavras. Daqui a pouco você vai pronunciar a seguinte bênção “Aquele que nos deu a doutrina da verdade e plantou dentro de nós a vida eterna”, você entende o significado dessas palavras?

— Sim, Rabino – respondi enfaticamente – Deus nos deu a *Torá* por intermédio de Moisés no Monte Sinai, e esta é a *Torá* verdadeira, e não temos outra *Torá* além dela. E por intermédio dessa *Torá* Deus plantou em nós a vida eterna, e enquanto mantivermos nossa fé na *Torá*, não deixaremos de ser um povo.

O rabino me deu um beijo na testa e acrescentou:

— Meu filho, você já pode ascender ao púlpito para a leitura da *Torá*, e que você seja bem-sucedido. Que Deus permita que a tua determinação se multiplique entre os jovens do povo de Israel!

Então toda a multidão se levantou e ouviu minhas palavras, e os olhos de minha mãe que estava sentada na sala ao lado encheram-se de lágrimas de júbilo. Naquele dia me senti um herói. Subi para fazer a leitura da *Torá*, li as bênçãos e a porção da *Haftarah*⁹ em voz alta e solene, como se quisesse enfatizar ao rabino, minha estima por este grande momento em que um menino de treze anos teve permissão para acender à leitura de um texto milenar, e para demonstrar meu compromisso em preservar e manter esta *Torá* e a tradição.

No dia seguinte, todos os convidados se reuniram para a oração da manhã, enquanto que eu coloquei os *tefilin* sob a supervisão do grão rabino e do meu Rebe. O rabino

⁸ Segundo o *Talmud*, o povo de Israel se assemelha simbolicamente à figura de uma pomba. Assim que uma pomba acasala com um macho de sua espécie, ela nunca mais irá trocá-lo por outro. De modo semelhante, o povo de Israel, que conhecendo o Deus único, nunca mais desistiu dele.

⁹ *Haftarah* é uma porção selecionada de um dos Livros dos Profetas que é lida nas sinagogas após a leitura da *Torá* no *Shabat*, nas datas festivas e nos dias de jejum.



abençoeu meus pais com o tradicional *Mazal Tov*, em boa hora. Em seguida, nos reunimos para o almoço. Eu estava sentado entre o grão rabino e o Rebe na cabeceira da mesa, enquanto que meus pais sentaram-se à nossa frente. Concluída a refeição, me levantei e comecei a ler um discurso que se estendeu por quase duas horas. Meu discurso versou sobre o preceito da colocação dos *tefilin* utilizando as diferentes fontes da nossa tradição, e até enfatizei que quem não coloca *tefilin*, era como se se autoexcluisse do povo de Israel, ato semelhante com aquele que não corta a carne de seu prepúcio. Finalmente, eu também, como os pregadores, concluí meu discurso com as palavras: “Que Sion seja redimida, Amém!”

O grão rabino me beijou novamente na testa e me chamou de “nosso orador”. Já o Rebe olhou com satisfação para todos os presentes, e a expressão em seu rosto parecia dizer: “Bem que eu lhes disse, este menino será um grande sábio em Israel”. Meu pai quis me tirar da comemoração para que eu pudesse descansar um pouco, e também por receio de que eu me achasse realmente importante com todos aqueles elogios, então ele se virou para mim e disse: “Bem, você realmente falou com propriedade, mas não pense em seu íntimo que você é uma pessoa importante. Este foi apenas o início de tudo. Agora cabe a você, aprender, aprender, e aprender. Mas agora, e por enquanto, dê um passeio.” Enquanto isso, minha mãe estava o tempo todo em lágrimas, por causa da forte de emoção.

À noite, depois que todos os convidados deixaram a aldeia e retornaram para suas casas, meus parentes decidiram realizar um conselho de família para debater o que iria acontecer com o menino, isto é, comigo, e como deveria prosseguir minha educação. As opiniões dividiram-se: o grão rabino, o Rebe e minha mãe expressaram sua opinião de que eu deveria estudar para ser um rabino, e para alcançar esse fim, sugeriu o grão rabino, eu deveria ser enviado a sua casa de estudos que se localizava na cidade próxima. Por outro lado, meu pai, que era um homem instruído e seguidor do movimento *hassídico*, disse o seguinte: “eu gostaria que meu filho conheça o *Talmud*¹⁰ além de todos os intérpretes e sábios a fim de que use estes ensinamentos não especificamente para ensinar, mas para que se transforme num médico famoso”. Foi aí que meu avô que era esperto e gostava de debater e polemizar, decidiu intervir e disse enquanto permanecia sentado calmamente sobre sua poltrona: “Qual é o sentido dessa discussão a respeito de um menino que acabou de completar treze anos? Desde que não seja um tolo, deixem-no ser o que ele quiser! Que ele decida se vai querer ser um rabino ou um médico”.

Muitos anos se passaram desde então, mas aquela celebração deixou uma grande e profunda impressão em minha memória, que nunca será apagada. Sou da opinião de

¹⁰ *Talmud* é uma coleção de escritos religiosos que cobrem toda a gama de leis e tradições judaicas, compiladas e editadas entre o segundo e o sexto séculos da Era Comum na Terra de Israel e na Babilônia.



que todos aqueles que foram educados em tal ambiente estão ligados ao judaísmo por um vínculo inseparável, e embora nem sempre demonstrem apego a Deus, estão certamente atentos a todos os rumos e aos novos tempos pelos quais nossa nação atravessa.

Tradução: Gabriel Steinberg**

Referência

DIZENGOFF, Meir. *Bar Mitzvah* (O *Bar Mitzvah*). Project Ben Yehuda. Disponível em: <https://benyehuda.org/read/7125>. Acesso em: 6 jun. 2021.

Recebido em: 23/04/2023.

Aprovado em: 28/04/2023.

** Professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.